

ANAIS DO SETA, Número 1, 2007

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: REFLEXOS NO DISCURSO DE SALA DE AULA E IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS DE GÊNERO DE APRENDIZES

Ariovaldo Lopes PEREIRA¹

ABSTRACT: This article is about an ongoing research whose main object are the representations of gender in English textbooks and their implications in the construction of learners' social gender identities. The research is being conducted in public schools of Goiás. Two distinct and complementary steps of the research are: 1. Critical discourse analysis of texts of English textbooks according to Fairclough's proposal, widened by Pennycook, who adopts a post-structuralist view of discourse; and 2. Classes observation in order to perceive the effects of those texts in classroom interaction. The theoretical support for the research discusses concepts such as gender, identity(ies), and representation.

Metodologia e objetivos da pesquisa

A presente pesquisa localiza-se no campo da Linguística Aplicada, na área de ensino/aprendizagem de L2/LE (segunda língua/língua estrangeira). A investigação está inscrita no método denominado pesquisa qualitativa e será desenvolvida em duas etapas distintas, porém complementares: 1. Investigação de caráter predominantemente documental e argumentativo cujo momento culminante será a análise de discurso de textos dos livros didáticos pesquisados segundo critérios previamente estabelecidos e, 2. Pesquisa de campo de caráter interpretativista, utilizando-se os seguintes instrumentos para levantamento: registro, coleta, seleção e análise de dados coletados empiricamente. Registro no campo (sala de aula) de aulas nas quais sejam trabalhados alguns textos escritos e/ou ilustrativos selecionados pelo pesquisador entre aqueles previamente analisados e realização de entrevistas semi-estruturadas com professores(as) e debates com alunos(as).

A análise dos dados terá início já ao longo do processo de coleta dos dados, uma vez que este processo é acompanhado naturalmente por reflexões, anotações e outras formas de registro das descobertas e constatações resultantes do trabalho de campo.

Os **objetivos** da pesquisa estão assim definidos: 1. Constatar até que ponto as representações de gênero nos livros didáticos de língua inglesa produzem, reproduzem e/ou legitimam práticas sociais sexistas; 2. Perceber como as representações de gênero nos livros didáticos de língua inglesa se refletem no discurso de sala de aula e

¹ Doutorando em Linguística Aplicada no Programa de Pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/Unicamp. E-mail: arylopes@terra.com.br

influenciam a construção de identidades sociais de gênero de aprendizes; e 3. Fornecer subsídios para uma reflexão crítica acerca do ensino de línguas.

A seguir, alguns conceitos que são essenciais para se estabelecer o suporte teórico no qual se embasa a pesquisa.

Gênero X sexo

É importante que se estabeleça a diferença entre sexo (as características biológicas que diferenciam homens e mulheres) e gênero (as características sociais e psicológicas referentes a feminilidade e masculinidade). Coates faz a seguinte distinção entre os dois termos:

Sexo refere-se a uma distinção biológica, enquanto 'gênero' é o termo usado para descrever categorias socialmente construídas com base no sexo. A maioria das sociedades opera em termos de dois gêneros, **masculino** e **feminino**, e somos tentados a tratar a categoria de gênero como uma simples oposição binária. (...) Mas o(a) leitor(a) deve estar ciente de que, assim como classe e idade, gênero pode ser melhor descrito em termos de um contínuo ou contínuos. (Coates, 1993:3-4)

Uma vez que o gênero constitui-se num construto social e cultural do que é ser homem e do que é ser mulher, esse conceito pode ser diferente em diferentes culturas e sociedades, refletindo, assim, a complexidade das representações de masculinidade e feminilidade. Diante dessa constatação, estudiosos e estudiosas como Crawford (1995), Louro (1999) e Moita Lopes (2002), entre outros, destacam a multiplicidade de maneiras de ser homem e ser mulher. Dutra (2003:139) argumenta que “os termos masculinidades e feminilidades (isto é, no plural) são mais apropriados, assim, para dar conta das múltiplas e fragmentadas formas de ser dos homens e das mulheres e suas construções sociais e históricas”.

Nesse sentido, Cameron (1999) considera que as manifestações de gênero podem ser diferentes em diferentes contextos, o que faz com que as pessoas possam agir de maneiras que seriam normalmente associadas com o 'outro' gênero. A autora faz alusão a um ensaio da filósofa Judith Butler, de 1990, denominado *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, que considera uma reconceptualização de gênero, numa visão pós-modernista do termo, conceitos estes que assim resume:

Tornar-se mulher (ou homem) não é algo que se consegue uma vez e para sempre numa fase inicial da vida. Gênero tem de ser constantemente reafirmado e publicamente demonstrado através da realização repetitiva de determinados atos de acordo com normas culturais (normas estas construídas histórica e socialmente e, conseqüentemente, variáveis) que definem 'masculinidade' e 'feminilidade'. (Cameron, 1999: 444)

Identidade

Moita Lopes (2002:16) relata “como, nas práticas discursivas situadas na escola, aprendemos a nos constituir como seres sociais”, focalizando as identidades sociais de raça, gênero e sexualidade. O autor chama a atenção para o caráter heterogêneo e

fragmentado da identidade social, uma vez que ela é construída em práticas discursivas situadas na história, na cultura e na instituição:

Dentre os espaços institucionais em que atuamos, a escola tem sido continuamente apontada como um dos mais importantes na construção de quem somos ou dessa fragmentação identitária. É um dos primeiros espaços sociais a que a criança tem acesso, longe da vigilância imediata da família, a outros modos de ser humano diferentes do mundo relativamente homogeneizado da família. (Moita Lopes, 2002, p. 16).

No Brasil, autores e autoras como Coracini (2003), Moita Lopes (2002; 2003), Signorini (1998), Louro (1999), entre outros, têm oferecido contribuições importantes para se pensar a questão das identidades, não apenas como traço singular e individual de indivíduos, mas principalmente como construto de base social em que as práticas sociais determinam e são, ao mesmo tempo, determinadas por dimensões como classe social, gênero, etnia, nacionalidade etc. Nesse sentido, Louro (1999:51) considera que:

De fato, os sujeitos são, ao mesmo tempo, homens ou mulheres, de determinada etnia, classe, sexualidade, nacionalidade; são participantes ou não de uma determinada confissão religiosa ou de um partido político. Essas múltiplas identidades não podem, no entanto, ser percebidas como se fossem ‘camadas’ que se sobrepõem umas às outras, como se o sujeito fosse se fazendo ‘somando-as’ ou agregando-as. Em vez disso, é preciso notar que elas se interferem mutuamente, se articulam; podem ser contraditórias; provocam, enfim, diferentes ‘posições’.

Ao concebermos a escola como contexto institucional em que práticas sociais são não apenas refletidas e reproduzidas, mas constituídas através de todo um conjunto de valores retratados no estabelecimento de normas e na escolha de currículos, procedimentos de ensino, teorias e materiais didáticos a serem adotados, passamos a percebê-la como um lugar onde as concepções de classe, etnia e gênero que circulam na sociedade são refletidas e produzidas ou questionadas e transformadas.

O discurso de sala de aula, como reflexo das práticas sociais cotidianas presentes na sociedade e refletidas ou questionadas no contexto escolar, exerce, portanto, papel fundamental na construção e/ou reconstrução de identidades dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Para Fairclough (1992:04), “os discursos não só refletem ou representam as entidades e relações sociais, eles as constroem ou as *‘constituem’*. Assim, a sala de aula constitui-se num espaço privilegiado em que as identidades de gênero são construídas e reconstruídas e/ou ressignificadas, a partir do engajamento de alunos, alunas, professores e professoras em práticas discursivas que tanto podem legitimar quanto subverter as relações de poder presentes nas práticas sociais da sociedade na qual estão inserido(a)s.

Representação

A proposta de analisar as representações de gênero presentes no livro didático e sua influência na construção do discurso de sala de aula e da identidade social de aprendizes surgiu em função da grande importância que se tem dado à representação

nos estudos culturais, como parte essencial do processo de produção e compartilhamento de significados entre membros de uma determinada cultura. Exemplos de pesquisas nessa área são os trabalhos de Grigoletto (2003a; 2003b), Ghiraldello (2003), Caldas-Coulthard (1996), Heberle (1997), Van Leeuwen (1996), entre outros.

As bases principais da concepção de representação que adotamos para efeito desta pesquisa são as reflexões apresentadas por Stuart Hall (1997) sobre o termo, que considera que, embora a representação envolva o uso da língua, de sinais e de imagens, ela é um conceito mais complexo, que vai além do senso comum segundo o qual “representação significa usar a linguagem para dizer algo significativo sobre, ou representar, o mundo de forma significativa, às outras pessoas”. (p.15).

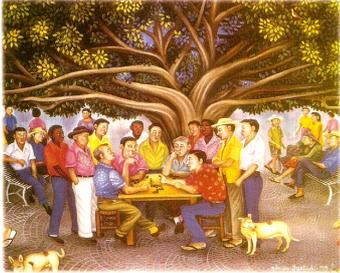
Tratando da representação visual, Kress e Leeuwen (1999) mencionam dois tipos de participantes: os “participantes representados (as pessoas, os lugares e coisas captadas em imagens) e os participantes interativos (as pessoas que se comunicam *através* de imagens), os produtores e os visualizadores de imagens” (p.377). Na concepção dos autores, os participantes interativos são aqueles que produzem e dão sentido às imagens em contextos de instituições sociais que determinam, através das normas sociais vigentes, o que pode ser expresso ou ‘dito’ através de imagens, a forma como deve ser dito e como essas imagens devem ser interpretadas.

Análise de texto

A seguir, apresentamos um dos textos selecionados para análise, seguido de alguns comentários que indicam a direção que a análise tomará. O texto encontra-se na página 45 do livro 8 (8ª série) da coleção *English Clips*, das autoras Mariza Ferrari e Sarah Rubin, Editora Scipione.

HOMEWORK

16] Look at the picture and complete the paragraphs below with the correct prepositions.



... **in** ... this picture there are many people ... **under** ... a big tree. Sitting ... **at** ... a table, four men are playing dominos. We can see the players' feet ... **under** ... the table. There are other men standing ... **around** ... them.

We can see two persons sitting ... **on** ... a bench, ... **on** ... both sides of the picture.

... **On** ... the ground, we can also see two dogs with spots ... **on** ... their bodies.

... **At** ... the bottom, ... **on** ... the right side of the picture, there is a signature: Sônia Furtado.

Comentários:

A ilustração é usada como suporte de um texto que está abaixo dela e cuja finalidade é avaliar o uso correto de preposições. Percebe-se que a ilustração não foi colocada nesta seção do livro com o intuito de levar os(as) aprendizes a interpretá-la ou de suscitar algum questionamento sobre a realidade representada na tela aí reproduzida. Entretanto, entendemos que, ao reproduzir uma obra de arte e expô-la à observação dos(as) aprendizes, está se criando condições para que esses(as) aprendizes a analisem e avaliem o que está nela representado, ainda que de forma inconsciente.

A ilustração mostra um grupo de pessoas (24, ao todo) embaixo de uma árvore no que parece ser uma praça, pelo modelo e posição dos bancos e pelo formato do piso. Ou seja, trata-se de um ambiente público e de convívio entre as pessoas. Algumas dessas pessoas parecem estar simplesmente passando pelo local, inclusive duas delas estão de costas; outras estão sentadas nos bancos; no centro, quatro pessoas estão sentadas em volta de uma mesa jogando dominó, observadas por outras que estão de pé ao seu redor.

Pode-se identificar pelo menos quatro planos na ilustração, do mais externo ao mais interno ou central, pela perspectiva espacial e pelo tamanho das imagens das pessoas, que indica a distância que estão em relação aos outros pontos da cena. O plano mais externo seria o das pessoas que estão de pé, algumas parecendo caminhar e outras paradas; o segundo plano, menos externo, seria o das pessoas sentadas nos bancos; o terceiro plano, ainda menos externo, seria o das pessoas que estão de pé em redor da mesa; e, por último, o plano mais interno ou central, que seria o das pessoas sentadas em volta da mesa jogando dominó.

É interessante observar que, das 24 pessoas que aparecem na ilustração, apenas duas (ou talvez três) podem ser identificadas como sendo mulheres. Trata-se de uma atividade de lazer exercida em ambiente público, uma cena na qual há predominância quase total de personagens masculinas. As mulheres que aparecem na cena estão completamente à margem, ou seja, nos planos mais externos e não participam e nem sequer se aproximam da cena central.

Observa-se, ainda, que, no texto que segue a ilustração, um texto obviamente ‘*construído*’ ou ‘*fabricado*’ com a finalidade de ensinar ou avaliar aspectos gramaticais da língua alvo, há referência a “*people*”, “*persons*” (pessoas), a “*men*” (homens) e a “*dogs*” (cachorros), mas não há nenhuma referência a “*women*” (mulheres) presentes na cena, talvez exatamente pelo fato de as mulheres estarem em posições tão insignificantes e marginais. Observa-se, aí, o que Sunderland (1992:85) chama de “relativa invisibilidade de personagens femininas”. Do ponto de vista ideológico, isso representa a exclusão da mulher dos ambientes públicos de lazer, nos quais os homens predominam. Não queremos concluir, apressadamente, que essa exclusão ou “*invisibilidade*” das figuras femininas na ilustração represente, por si só, que, para as autoras do livro-texto, os homens e mesmo os cachorros são mais importantes do que as mulheres, até porque elas próprias são mulheres. Mas certamente a alusão, no texto, às mulheres presentes na figura poderia levar os(as) aprendizes a perceber sua presença na cena retratada na obra e a questionar a sua posição marginal em relação aos homens. Além disso, a posição em que se encontram as mulheres poderia ser utilizada para praticar uma outra preposição de lugar: “*behind*”.

Parece implícito na ilustração que somente aos homens são permitidas atividades de lazer em ambientes públicos. Às mulheres caberia exercer tais atividades em ambientes fechados, talvez dentro de suas casas. O que se questiona aqui é até que ponto essa representação da realidade é acurada, ou seja, retrata a realidade, e, sendo real, se é legítima.

Referências bibliográficas:

- CALDAS-COULTHARD, C. R. (1996) "Women who pay for sex. And enjoy it: transgression versus morality in women's magazines". In. CALDAS-COULTHARD, C. R. e COULTHARD, M. (orgs.) *Texts and practices. Readings in critical discourse analysis*, 35-43. London: Routledge.
- CAMERON, D. (1999) "Performing gender identity: young men's talk and the construction of heterosexual masculinity". In. JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (orgs.) *The discourse reader*, 442-458. London/New York: Routledge.
- COATES, J. (1993) *Women, men and language*. 2nd ed. London: Longman.
- CORACINI, M. J. (org.) (2003) *Identidade & discurso*. Campinas: Ed. Unicamp.
- CRAWFORD, M. (1995) *Talking difference on gender and language*. London: Sage Publications.
- DUTRA, F. S. (2003) "Letramento e identidade: (re)construção das identidades sociais de gênero". In. MOITA LOPES, L. P. (org.) *Discursos de identidades*, 135-155. Campinas: Mercado de Letras.
- FAIRCLOUGH, N. (1992) *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press.
- GHIRALDELO, C. M. (2003) "As representações de língua portuguesa e as formas de subjetivação". In. CORACINI, M. J. (org.) *Identidade & discurso*, 57-82. Campinas: Ed. Unicamp.
- GRIGOLETTO, M. (2003) "Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira". In. CORACINI, M. J. (org.) *Identidade & discurso*, 223-235. Campinas: Ed. Unicamp.
- _____. (2003) "O discurso do livro didático de língua inglesa: representações e construção de identidades". In. CORACINI, M. J. (org.) *Identidade & discurso*, 351-362. Campinas: Ed. Unicamp.
- HALL, S. (1997) "The work of representation". S. Hall (org.) *Representation. Cultural representations and signifying practices*, 13-74. London: Sage Publications.
- HEBERLE, V. M. (1997) "An investigation of textual and contextual parameters in editorials of women's magazines". Tese de doutorado inédita, UFSC.
- KRESS, G. & VAN LEEUWEN, T. (1999) "Representation and interaction: designing the position of the viewer". In. JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (orgs.) *The discourse reader*, 377-404. London/New York: Routledge.
- LOURO, G. L. (1999) *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3^a ed. Petrópolis: Vozes.
- MOITA LOPES, L. P. (2002) *Identidades fragmentadas. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras.
- _____. (org.) (2003) *Discurso de identidades*. Campinas: Mercado de Letras.
- SIGNORINI, I. (org.) (1998) *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras.
- SUNDERLAND, J. (1992) "Gender in the EFL classroom". *ELT Journal* 46 (1), 81-91.
- VAN LEEUWEN, T. (1996) "The representation of social actors". In. CALDAS-COULTHARD, C. R. & COULTHARD, M. (orgs.) *Texts and practices: readings in critical discourse analysis*, 32-70. London/New York: Routledge.